



O POEMA “DESAPEGO”, DE LUIZA SILVA, NA PERSPECTIVA DISCURSIVA: DO LUGAR SOCIAL AO LUGAR DISCURSIVO E À MEMÓRIA DISCURSIVA

THE POEM “DESAPEGO”, BY LUIZA SILVA, FROM A DISCURSIVE PERSPECTIVE:
FROM THE SOCIAL PLACE TO THE DISCURSIVE PLACE AND DISCURSIVE MEMORY

José de Alcântara Ribeiro da Silva

<https://orcid.org/0000-0002-2679-326X>

Janete Silva dos Santos

<https://orcid.org/0000-0003-2823-6114>

João de Deus Leite

<https://orcid.org/0000-0002-8918-9940>

Resumo: Neste artigo, analisamos o poema “Desapego”, de Luiza Silva, que compõe a obra “O que sobrou do tempo”, publicado na época da pandemia da covid-19. Para isso, filiamos-nos aos pressupostos teóricos e analíticos da Análise de Discurso, com o objetivo de compreender o funcionamento da memória discursiva nesse texto. Mais precisamente, estamos interessados no modo como a memória discursiva faz trabalhar, poeticamente, efeitos de sentido sobre a efemeridade da vida e do tempo, bem como sobre a abnegação de bens materiais e sentimentais. Metodologicamente, trabalhamos com a exposição da materialidade do poema sob o formato de sequências discursivas (SD), enfocando elementos linguísticos (ocorrência lexical, sintagmatização das palavras de modo canônico e não canônico na sintaxe no poema). As análises empreendidas evidenciam o funcionamento da memória discursiva, regionalizada por diferentes formações discursivas (fatalista/negativa, religiosa), produzindo efeitos de sentido sobre a metaforização da vida, do tempo e da abnegação de bens materiais e sentimentais.

Palavras-chave: Poema. Posição-sujeito. Memória discursiva. Covid-19.

Abstract: In this article, we analyze the poem “Desapego” (Detachment), by Luiza Silva, which is part of the work “O que sobrou do tempo” (What’s Left of Time), published during the COVID-19 pandemic. To do so, we align ourselves with the theoretical and analytical assumptions of Discourse Analysis, aiming to understand the functioning of discursive memory in this text. More precisely, we are interested in how discursive memory poetically works to create effects of meaning regarding the ephemerality of life and time, as well as the renunciation of material and sentimental possessions. Methodologically, we work with the exposition of the poem’s materiality in the form of discursive sequences (DS), focusing on linguistic elements (lexical occurrence, syntagmatization of words in canonical and non-canonical ways in the poem’s syntax). The analyses undertaken reveal the workings of discursive memory, regionalized by different discursive formations (fatalistic/negative, religious), producing effects of meaning on the metaphorization of life, time, and the renunciation of material and sentimental goods.

Keywords: Poem. Subject-position. Discursive Memory. Covid-19.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Filiados à Análise de Discurso, as reflexões desenvolvidas nas disciplinas obrigatórias e optativas do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLLIT), da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), tomamos o poema “Desapego”, de Luíza Silva, como materialidade significativa para nosso gesto de leitura. O nosso foco recaiu sobre o modo como a memória discursiva funciona, significando o lugar social e o lugar discursivo, termos conceituados posteriormente neste texto. Antecipamos que a seleção da materialidade também responde a uma demanda dos grupos de estudos ao quais estamos filiados Grupo de Estudos Linguísticos e Literários da Região Norte (GELLNORTE) e Grupo de Estudos Tocantinenses em Análise de Discurso (GETAD). Como o poema compõe um livro de autora da referida região (produzido e publicado durante a pandemia), chamou positivamente nossa atenção e despertou o interesse em lê-lo e analisá-lo sob o enfoque da Análise de Discurso, doravante (AD).

Vale ressaltar que a memória, tomada aqui como discursiva, geralmente é evidenciada, no âmbito literário, como o resgate dos acontecimentos passados, memória que geralmente é posta em evidência nas narrativas de ficção, ou seja, está alinhada à perspectiva psicológica, trata-se de memória individual, acessada conscientemente. A memória discursiva, por sua vez, para o campo teórico a que estamos filiados, refere-se aos dizeres em circulação e em estabilização na e pela historicidade. São dizeres que vão sendo atualizados ou esquecidos nos diferentes processos de constituição, de formulação e de circulação (Apinagé, Santos e Carmo, 2023, p. 15-16).

A memória discursiva é construída coletivamente no meio social, uma que vez que são das práticas sociais que surgem as condições para o processo discursivo. Por essa razão, é a memória discursiva em funcionamento, no poema, que permite ao sujeito retomar (de modo inconsciente, pois não controla o sentido, mas é afetado por essa ilusão, visto que não se trata de uma memória individual, mas coletiva) discursos ditos em outro lugar, em outro momento, em outro espaço social histórico e/ou cultural. É na relação do espaço social empírico com o espaço discursivo, a partir de uma formação ideológica e discursiva, que a memória discursiva se movimenta, estabelecendo relações de sentido.

Para a análise do material em foco, neste caso, um poema contemporâneo, pensamos na heterogeneidade do sujeito e do sentido, conforme notamos na teoria do discurso de linha francesa, à qual nos filiamos. Dessa forma, lançamos o nosso olhar para a materialidade significativa e buscamos como, no funcionamento discursivo, sentidos possíveis se estabelecem. Nosso objetivo é compreender o processo de identificação do sujeito que, afetado pelo lugar social e pelo lugar

discursivo, produz movimentos no entremeio dessas noções e assume uma posição-sujeito no poema. Nesse sentido, questionamo-nos: como o funcionamento da memória discursiva permite ao sujeito, imerso numa sociedade capitalista como a nossa, enunciar sobre a efemeridade da vida e do tempo, bem como sobre a abnegação de bens materiais e sentimentais?

Tomamos o poema como uma forma de extravasamento da “liberdade” do sujeito. No entanto, esse sujeito assume posição diante das circunstâncias e enuncia o que sente, o que pensa em dadas condições de produção. O que notamos é que o poema “Desapego” foi produzido no período da pandemia da covid-19, período de angústia, de incerteza e de medo. Tais circunstâncias podem ter colaborado para que o sujeito discursivo no poema se posicionasse como aponta nossa análise. Nessa perspectiva, lançamos o olhar ao movimento do sujeito do espaço empírico para o espaço discursivo, construindo sentidos outros na base desse deslocamento. Assim, pretendemos evidenciar o modo como o sujeito do poema se subjetiva para falar de si mesmo no desdobramento de diferentes posições-sujeito.

BASE TEÓRICA DA ANÁLISE DE DISCURSO

Como dissemos, filiamo-nos à AD francesa teorizada pelo filósofo Michel Pêcheux, na França, e, aqui no Brasil, divulgada e expandida por Eni Orlandi. Destarte, filiados à AD de base materialista, nosso foco é mobilizar dispositivos importantes dessa teoria do discurso, a fim de efetuarmos gestos de leitura da materialidade poética selecionada. Nessa linha, cabe lembrar que, “na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (Orlandi, 1999, p. 15). Assim, mostrar o funcionamento discursivo do poema, “Desapego”, de Luiza Silva, é observar o batimento entre elementos da língua inscrevendo-se na e pela historicidade, conforme enfatizado por Orlandi (1999, p. 15-16).

Irrompe nosso interesse em mostrar como determinados efeitos de sentidos são produzidos pela discursividade em funcionamento no poema, uma vez que os sentidos de uma palavra e/ou de um enunciado são suscetíveis a mudanças, conforme a memória discursiva segue operando efeitos na e pela historicidade. Neste ponto, vale lembrar que “o sujeito do discurso não é o mesmo que o sujeito empírico, o indivíduo, a pessoa em si, o sujeito do discurso se faz (se significa) na/pela história” (Orlandi, 2017, p. 20), ou seja, esse sujeito se constitui com base na língua, na história e na ideologia, estabelecendo sentido no uso da linguagem.

Significa dizer que “o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia” (Orlandi, 2001, p. 46).

Sendo assim, há uma relação íntima entre sujeito e sentido. Logo, podemos notar, conforme dissemos anteriormente, que o sentido de um dizer pode ter diferentes efeitos, a depender das condições de produção desse dizer, bem como da maneira como os sujeitos do/no discurso se posicionam para dizer (e ler). Nas palavras de Pêcheux (2014):

[...] o **sentido** de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio – histórico, no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas.) Poderíamos resumir essa tese dizendo: **as palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam**, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência as **formações ideológicas** (no sentido definido mais acima) nas quais essas posições se inscrevem. (Pêcheux, 2014, p.146, grifos do autor).

À vista disso, cumpre ressaltar que há furos, falhas no posicionamento do sujeito no poema, conforme ainda demonstraremos neste texto, uma vez que, conforme Pêcheux (2014), a língua só faz sentido na interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia. Ou seja, é nessa relação que certos dizeres vão estabelecendo sentidos para o sujeito discursivo, no poema, ao ponto de discursivizar dessa ou daquela maneira.

É importante pensar, ainda, as condições de produção desse discurso. Essas condições partem essencialmente da relação sujeito e situação (Orlandi, 1999, p. 30), com base na memória e nas formações imaginárias. Uma vez que há, no jogo imaginário, os questionamentos formulados por Pêcheux (2014, p. 82): “Quem sou eu para lhe falar assim? Quem é ele para que eu lhe fale assim? Quem sou eu para que ele me fale assim? Quem é ele para que me fale assim?”. É nesse jogo que se constituem as condições de produção do discurso. É nessa circunstância que há uma regulação no que pode ou não ser dito e como esse dizer pode ser validado ou não por outros dizeres, ou apenas pela confirmação. A esse respeito, Pêcheux (2014) afirma que:

[...] a um estado dado das condições de produção do discurso, corresponde uma estrutura definida dos processos de produção do discurso a partir da língua, o que significa que, se o estado das condições é fixado, o conjunto dos discursos suscetíveis de serem engendrados nessas condições manifesta invariantes semântico-retóricas estáveis no conjunto considerado e que são características do processo

de produção colocado em jogo. Isto supõe que *é impossível analisar um discurso como um texto*, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, mas que é necessário referi-lo ao *conjunto de discursos possíveis*, a partir de um estado definido das condições de produção [...] (Pêcheux 2014, p. 78 grifos do autor).

Sendo assim, pensamos as condições de produção na relação de identificação do sujeito, partindo da ideia de que o sujeito se apropria da linguagem num movimento social e não individual, tendo a ilusão necessária de ser fonte de seu discurso. Na verdade, o sujeito não é a origem de si, ele é interpelado em sujeito pela ideologia (Orlandi, 2012, p. 24). Dizer algo no poema é sustentar uma posição no discurso, tanto em relação aos sentidos que se constituem no dizer, e que não controlamos, como quanto em relação ao modo como os sujeitos em suas posições assumidas vão significar esse dizer.

Pensamos ainda as condições de produção, levando em conta tanto o “contexto imediato” como o “contexto amplo”, conforme nos mostra Orlandi (1999, p. 30). O primeiro funciona na instância da enunciação, considerando o contexto sócio-histórico e ideológico. Nesse sentido, e já buscando uma articulação com o material em análise neste artigo, o contexto imediato é Araguaína – Tocantins, lugar em que o enunciado emerge, época em que a pandemia da covid-19 estava em alta, causando medo e ceifando a vida de milhares de pessoas. Já o contexto amplo parte dos sentidos que emergem da maneira como o sujeito discursivo fala de si mesmo, dos efeitos de sentidos marcados nos discursos em cada verso, bem como na maneira de sustentar seus dizeres sobre si, sobre seus objetos, sobre sua vida, considerando a posição que esse sujeito discursivo ocupa, a legitimidade que o “autoriza” a enunciar dessa ou daquela maneira.

Consideramos, ainda, a Formação Discursiva (FD), que se define como sendo aquilo que pode e deve ser dito em dadas condições de produção do discurso. É na FD que se materializam as formações ideológicas que emergem no discurso. Sendo assim, os sentidos são determinados ideologicamente, e o acontecimento enunciativo movimenta a FD na qual o sujeito que enuncia se inscreve, mobilizando e, ao mesmo tempo, negando sentidos, pois o sujeito enuncia a partir do que pode (e do que não pode) ser dito em dada enunciação. Nesse aspecto, Pêcheux (2014) declara:

Chamaremos, então, *formação discursiva* aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinado pelo estado de lutas de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.) (Pêcheux, 2014, p.147, grifos do autor)

Essa FD, “como um saber discursivo não controlável conscientemente”, determina o dizer, a posição do sujeito ao ser interpelado (Carmo e Santos, 2023, p. 5). Assim, o interdiscurso vai fazendo funcionar discursos anteriores, constituindo a memória discursiva. É da ordem do já-dito, isto é, da manifestação discursiva proferida em outro momento, em outras condições discursivas.

O interdiscurso é “submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação que caracteriza o complexo das formações ideológicas” (Pêcheux, 2014, p. 149), ou seja, é aquilo que permite o sujeito discursivo enunciar desse ou daquele jeito, já que o saber discursivo que irrompe por meio da memória discursiva surge em forma de pré-construído, o já-dito em outras circunstâncias. Assim sendo, o “[...] interdiscurso disponibiliza dizeres, determinando, pelo já-dito, aquilo que constitui uma FD em relação a outra” (Orlandi, 1999, p. 43-44). Esses dizeres afetam o modo como o sujeito significa, em uma situação discursiva dada, uma vez que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia.

Já o pré-construído corresponde àquilo que está dito, significado em outras circunstâncias que nos permitem retomar o sentido a partir de novos dizeres, novos enunciados. Para Pêcheux (2014) “o ‘pré-construído’ corresponde ao ‘sempre-já-aí’ da interpelação ideológica que fornece-impõe a ‘realidade’ e seu sentido sob forma da universalidade [...]”, (Pêcheux (2014, p. 15), ou seja, o pré-construído determina e/ou direciona para determinados sentidos. No material que selecionamos para este trabalho (o poema), é possível perceber, no processo discursivo, os efeitos de sentido que são instâncias do dizer alçadas por via de pré-construídos. Nesse viés, pensando o poema e suas condições de produção, notamos que há “novas práticas de leitura (sintomáticas, arqueológicas etc.) aplicadas aos monumentos textuais”, conforme afirma Pêcheux (2015, p. 44); para ele, há, no processo de leitura/interpretação de um texto, a possibilidade de constatação do não dito no interior do que é dito, multiplicando e explorando essas relações. Vejamos esse aspecto nas palavras (traduzidas) do autor:

[...] o princípio dessas leituras consiste, como se sabe, em multiplicar as relações entre o que é dito aqui (em tal lugar), e dito assim e não de outro jeito, com o que é dito em outro lugar e de outro modo, a fim de se colocar em posição de “entender” a presença de não-ditos, no interior do que é dito (Pêcheux, 2015, p. 44, grifo do autor).

Ao se posicionar, no poema, para dizer, o sujeito discursivo enuncia a partir daquilo que constitui o funcionamento da memória discursiva, que, na perspectiva da AD, não é a memória preconizada pela psicologia que remete às lembranças, às recordações, à memória tida como consciente e individual, e sim à memória social e histórica, controlada pelo interdiscurso. É pela memória discursiva, pelo

interdiscurso e pela FD que o sujeito põe em jogo, no fio do dizer, atitudes fatalistas. O fatalismo é o modo de pensar que já nascemos com o destino pré-estabelecido, traçado por Deus e que nada pode ser feito para mudar o destino fatal. “O fatalismo é a compreensão da existência humana em que o destino de todos está predeterminado e todo fato ocorre de modo inescapável” (Baró, 2017, p. 175).

No entanto, o sujeito inscrito na FD fatalista/negativista incorpora e põe em circulação atitudes de “resignação e aceitação do estado das coisas” (Costa e Mendes, 2020, p. 684), como um efeito ideológico compatível à posição que assume ao discursivizar no poema, por exemplo. Assim, “reverberam em sentimentos de resignação, aceitação do destino e de sofrimento, enquanto afetos aceitáveis, e em comportamentos de conformismo, submissão, passividade e presenteísmo” (Costa e Mendes, 2020, p. 686), diante do tempo, da situação e da vida. Tal efeito ideológico se efetua ainda, na forma de pré-construído, a partir da imagem que se faz de si, do outro e da situação discursiva.

Estamos concebendo a perspectiva de que a “memória discursiva”, em funcionamento nos dizeres produzidos pelo sujeito no texto em foco, põe em jogo um fundamento importante, no âmbito da AD: o lugar discursivo que está inscrito na possibilidade que a formação social abre, dada a relação entre língua e história. Conforme Pêcheux (2014, p.145), o lugar do sujeito nunca é vazio, é sempre preenchido pela forma-sujeito, ou seja, o sujeito do saber de uma dada FD.

É inscrito na FD na qual se identifica que o sujeito se constitui sujeito e se posiciona de dado lugar. “É necessário levar em conta que é do encontro entre o sujeito, história e linguagem que vai ser possível estabelecer as diferentes posições-sujeito e inscrevê-las no interior de uma ou mais FD” (Indursky, 2005, p. 10), ou seja, é pelo ritual interpelação/identificação que o sujeito discursivo ora se sobrepõe à forma-sujeito que com ela se identifica e, a partir de então, (re)produz certos discursos, posicionando-se como tal, e ora no ato de interpelação/desidentificação, o sujeito discursivo ao tomar posição vai se contrapor forma-sujeito “conduzindo o sujeito do discurso contra identificar-se com alguns saberes da formação discursiva que o afeta” (Indursky, 2005, p. 5-6). Assim, a posição-sujeito depende do modo como o sujeito se identifica com dada forma-sujeito para se inscrever nesta ou naquela FD.

Diante disso, cabe dizer que o lugar social (sujeito empírico) tem relação com a exterioridade e com a formação social em que esse sujeito está inscrito. É pela formação social que se coloca em evidência as formações imaginárias, ou seja, “as imagens que os interlocutores de um discurso atribuem a si e ao outro são determinadas por lugares empíricos/institucionais construída no interior de uma formação social” (Grigoletto, 2005, p. 4). Portanto o lugar social de mulher, mãe,

professora, por exemplo, se dá pelo lugar empírico de dada formação social e dada forma-sujeito. Ainda para Grigoletto, (2005, p. 7), o lugar discursivo corresponde à passagem do espaço empírico, lugares sociais, ao espaço discursivo e tem relação tanto com a forma-sujeito, quanto com a posição-sujeito. Nesse sentido, o sujeito do discurso ao se inscrever no lugar discursivo, se relaciona com a forma-sujeito histórica, funcionando pela identificação (interdiscurso), e com a posição-sujeito em que o sujeito toma posição e formula seus dizeres. Buscando já pensar na especificidade de nosso foco, podemos dizer que há o lugar discursivo de autor(a) (sujeito discursivo), em que pela forma-sujeito, recorre ao interdiscurso onde circula os saberes da política, da pandemia, da mídia etc., recorta certos dizeres da FD a qual está inscrita e põe em circulação.

Assim, lugar discursivo não pode ser confundido com o lugar social que a autora ocupa. Lugar social e lugar discursivo estão interrelacionados, mas não são a mesma instância de constituição. Esses lugares “se constituem mutuamente, de forma complementar, e estão relacionados à ordem de constituição do discurso. Um não é anterior ao outro, já que um necessita do outro para se instituir” (Grigoletto, 2005, p. 6). Ainda na esteira de Grigoletto (2005, p. 5), consideremos, a seguir, alguns apontamentos sobre essa diferença teórica:

Assim, o sujeito do discurso, ao mesmo tempo em que ele é interpelado/assujeitado ideologicamente pela formação social, ele se inscreve/ocupa um dos lugares sociais que lhe foi determinado. É o espaço do empírico. Na passagem para o espaço teórico, no nosso caso, para o espaço discursivo, o lugar social que o sujeito ocupa numa determinada formação social e ideológica, que está afetada pelas relações de poder, vai determinar o seu lugar discursivo, através do movimento da forma-sujeito e da própria formação discursiva com a qual o sujeito se identifica. (Grigoletto, 2005, p. 5).

Os lugares ocupados pelo sujeito no poema de que tratamos, neste trabalho, estão relacionados com o lugar discursivo de autor(a), pois eles abrem horizontes para notarmos que há em jogo, então, uma relação entre língua e história. Dito de outro modo, o lugar discursivo de autor(a) vai sendo sedimentado, na medida em que os processos discursivos entre unidade e dispersão de sentidos ganham uma certa “negociação”, de modo a construir a prevalência do “efeito de unidade” no processo de textualização (Silva, 2020, p. 100).

Interessa-nos essa diferença entre esses lugares, pois o gesto de formulação do poema evidencia um modo de lidar com os sentidos em sua unidade e em sua dispersão. Nessa medida, o lugar discursivo evidencia uma posição no discurso. Como há processos discursivos que se constituem, materialmente, na e pela história, entram em jogo as diferentes imagens, isto é, as diferentes projeções que

são produzidas, sempre na tentativa de se circunscrever uma posição. Assim sendo, as formações imaginárias integram as condições de produção dessas projeções. Tomemos, a seguir, as palavras de Orlandi (2015, p. 38):

Assim não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade, e que poderiam ser sociologicamente descritos, que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções. São essas projeções que permitem passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos no discurso. Essa é a distinção entre lugar e posição (Orlandi, 2015, p. 38).

Considerando esses apontamentos tecidos por Grigoletto (2005, p. 5) e por Orlandi (2015, 2015, p. 38), é pertinente considerar que os lugares empíricos que a autora ocupa são legitimados pela sociedade, tais como: possui graduação em Letras, com respectivas literaturas e especializações; possui outras titulações, após o título de graduado, entre outros referenciais sociológicos, conforme abordaremos mais à frente. Esses referenciais são importantes, pois nos ajudam a pensar nas redes de trajetória de filiação de sentidos. Contudo, o lugar discursivo nos é mais factível, em termos de interesse de pesquisa, pois nos permitem conceber que essas redes de trajetória de sentido ganham um agenciamento a partir de dada posição dos sujeitos no discurso.

Por outro lado, é no entremeio dos lugares (social e discursivo) que o sujeito se subjetiva e se identifica com diferentes FD, não escapando ao modo capitalista imanente à formação social em que estamos imersos, uma vez que viver na sociedade contemporânea não escapa à dinâmica dos modos de “reprodução das relações de produção” (Pêcheux, 2014, p. 129). Para (Althusser, 1970, p.53), a sociedade funciona em meio a luta de classes que é regulada pelos “Aparelhos Ideológicos do Estado” já que os modos e os meios de produção pertencem aos capitalistas que vivem no interior de uma sociedade na relação com o trabalhador e a força do trabalho. Assim, diante de uma formação social capitalista, o sujeito discursivo do poema, ao se deparar com a forma-sujeito capitalista pensa os bens, as conquistas, os utensílios advindos da força do trabalho. Sendo assim, o sujeito discursivo, no poema, não escapa ao modo capitalista conforme acima, pois a sociedade em que vive impõe a esse sujeito, modos de organização política, econômica, social dos quais não pode fugir. Diante disso, põe em circulação certos discursos deixando evidente o modo de viver nessa sociedade.

O POEMA “DESAPEGO” E SEUS EFEITOS DE SENTIDO

Apresentamos, a seguir, o poema na íntegra e, posteriormente, com base em mecanismos linguísticos, nesse caso, a pontuação, dividimo-lo em título e em seis

sequências discursivas (SD), de modo a evidenciar aspectos das condições de produção da materialidade significativa: o poema, considerando o contexto imediato e o contexto no sentido mais amplo, ou seja, (i) mostrar, na instância da enunciação, que o indivíduo (espaço empírico), interpelado em sujeito pela ideologia, no simbólico, constitui-se em forma-sujeito-histórica, afetado pelas relações de força, movimenta-se do lugar social para o lugar discursivo, tomando posição no discurso, isto é, assume uma dada posição-sujeito; (ii) analisar o funcionamento discursivo, no poema, tendo em vista a memória discursiva e o interdiscurso, movendo o sujeito que, no entremeio do lugar social e lugar discursivo, enuncia.

Desapego

De nada da vida se leva,
 As coisas ficam aguardando seus
 esfarelamentos.
 Meus livros serão comidas de traças,
 Desprezados juntos a outros restos.
 O corpo dado à fome de bactérias
 não guardará desejos
 nem haverá memória.
 Se em outra vida fui Cleópatra, indigente,
 de que me serve,
 se não me lembro?
 Se nos reencontramos em outro plano,
 a mim você reconhece?
 Nem nesta vida precária do presente
 Que de mim você se esquece...

(SILVA, L. O que sobrou do tempo. Gurupi: Veloso, 2021, p. 19).

Levando em conta as condições de produção do poema, tendo como base o contexto imediato, notamos que o poema “Desapego” foi publicado no livro de poemas “O que sobrou do tempo”, pela editora Veloso (Gurupi), em 2021, durante a pandemia da covid-19, com autoria da escritora barra-mansense Luiza Helena Oliveira da Silva. Aos 39 anos, veio morar em Araguaína - Tocantins, onde reside até hoje. Atualmente, é coordenadora adjunta dos programas profissionais na Área de Linguística e Literatura (CAPES). Declara gostar de Araguaína e ser apaixonada pelo Araguaia. Do ponto de vista literário, sua poesia é marcada por movimentos

ultranacionalistas, modernistas, abordando temáticas como amor, morte, misticismo e solidão. Luiza Silva é uma das principais figuras femininas da literatura moderna contemporânea do norte do Tocantins. Ela e diversos autores brasileiros consideram que as vanguardas europeias contribuíram de modo significativo para a expansão de uma nova concepção de arte com novos modos de emprego da linguagem, assim como “[...] a cotidianidade como recusa à idealização do real, o fluxo da consciência como processo desmascarador da linguagem tradicional” (Lafetá, 2000, p.22). Diante disso, os autores ousam em produzir uma poesia com liberdade formal, com ênfase à banalidade nos temas e nas palavras, utilizando-se do verso livre, do humor, da ironia etc. No entanto, é inspirada nas concepções da poesia moderna que a autora produz seus poemas.

Luiza Silva escreve o poema “Desapego” em um momento histórico peculiar pelo qual passou o Brasil e o mundo, momento de caos provocado pela pandemia da covid-19, período de dor pela morte de pessoas, ora parentes, ora amigos, ora (des)conhecidos divulgados nos noticiários midiáticos e que alavancavam as estatísticas de mortos e de contaminados pelo vírus. O medo assolou a população exigindo a proteção com máscara, a constante higienização e o isolamento social. A crise aumentou significativamente, uma vez que as pessoas, sobretudo os trabalhadores informais e trabalhadores da iniciativa privada, tiveram que abandonar seus postos de trabalho e se confinar em casa.

Por outro lado, enquanto o mundo acenava para o surgimento de uma vacina de combate à doença, o governo brasileiro daquela época, acusado inclusive de “genocídio” por determinados setores da sociedade brasileira (Possenti e Oliveira 2021, p. 7), negava o número de casos, com o discurso de que a doença não era grave, adotava protocolo sem eficácia nos hospitais, deixava as pessoas morrerem por falta de materiais de proteção e de tratamento, causava crise no Ministério da Saúde trocando a bel-prazer ministros e diretores. Diante desses acontecimentos, os autores e demais artistas deste período passaram a tratar, em suas obras, de temas ligados à realidade dos problemas sociais e a reflexões sobre a vida, como no poema em foco.

Considerando as condições de produção no sentido estrito, ou seja, as circunstâncias de enunciação, notamos o funcionamento discursivo latente na espessura semântica. Logo no título do poema “Desapego”, observamos como o sujeito, na posição de autor(a), parte antes do espaço empírico, ou seja, do lugar social, como apontado em seção anterior, mulher parda, mãe, cidadã de viés político de esquerda, pesquisadora e professora universitária engajada nas lutas da categoria, defensora ferrenha de políticas sociais de inclusão, produtora de literatura (poesia, conto etc.), afetado pelas relações de poder das instituições, do

estado, interpelado em sujeito pela ideologia, inscrevendo-se na forma-sujeito e na formação discursiva fatalista com a qual se identifica. Dizemos fatalista por ser uma posição assumida por um sujeito (posição-sujeito) que olha para a vida e suas circunstâncias como um jogo de cartas marcadas, ou seja, como algo que segue um caminho decidido a priori com pouco ou nada de espaço para a intervenção: o destino é o responsável pelo curso das coisas.

Essa FD fatalista pessimista/negativista se apresenta com base na memória discursiva, ocupando o lugar discursivo. Desta feita, o sujeito discursivo se posiciona inscrevendo-se no fio do dizer (intradiscurso) e enuncia, logo no título, “Desapego”. Uma vez que “Desapego” pode se referir à abnegação, a altruísmo ou, e principalmente, à indiferença (desamor?) ou desejo de indiferença, edificada com tijolos das desilusões que a vida proporciona ao sujeito poético que sofre as agruras. Vemos aí o sujeito discursivo numa relação com o tempo, com a vida e com bens materiais e sentimentais, na conjuntura atual da covid-19 à época, que tende para o fim, para o nada, tal como pensava o poeta pré-modernista Augusto dos Anjos, que versava, em seus poemas, sobre uma visão cósmica herdada do Simbolismo, pessimismo exacerbado e forte convicção materialista e científica da vida e do mundo.

Há um batimento do lugar social (cidade de Araguaína, pandemia mundial da covid-19, instituições em crise etc.) com o lugar discursivo (forma-sujeito/sujeito do saber, inscrito na formação discursiva fatalista-pessimista e de desapego a bens materiais e sentimentais). A palavra “desapego” nada mais é do que a forma de textualizar, a partir da formação social e da formação discursiva, a forma de pensar do sujeito sobre o mundo, sobre a vida, sobre os bens materiais, no fluxo de uma perspectiva de decepção, de desilusão com tudo que toca o sujeito. Vejamos, a seguir, a primeira sequência discursiva do poema em foco:

SD1

De nada da vida se leva,
As coisas ficam aguardando seus
esfarelamentos.

A partir da SD1, o sujeito que enuncia afetado pelo lugar social, lugar em que se presenciam o medo e o desespero das pessoas em decorrência da pandemia da covid-19, mostra, por meio de formações imaginárias, a contingência da vida e da morte. Presentifica-se aí uma relação com o discurso religioso (próprio também da doutrina fatalista) sobre a finitude da vida humana na terra, bem como com certos discursos filosóficos, fincados em determinismos, sobre o processo de

existência e de relação de/entre todas as coisas, pois, ao enunciar “As coisas ficam aguardando seus/ esfarelamentos”, não se enuncia uma possibilidade, mas uma fatalidade; mais que uma previsibilidade, há o efeito de uma predeterminação inegociável.

Assim, passando ao lugar discursivo, constituindo-se sujeito pela ideologia, toma uma posição e enuncia a partir do que vê e do que sente no atual momento. Nesse aspecto, mostra-nos, por meio do pré-construído de que dessa vida, ou seja, do mundo material para o espiritual, nada se leva e que o que temos (casa, carro, móveis, imóveis etc.), as “coisas”, como diz, tem o tempo de acabar, de “esfarelar”. Pensamos, então, na memória discursiva, fazendo significar o ciclo de vida: nascer, crescer, morrer, virar pó, voltar para a terra como diz a Bíblia. E que bens materiais, pensando o modo capitalista de ser dada nossa formação social, de nada valem quando não se tem o principal: a vida.

Notamos, também, que o sujeito que enuncia, oscilando do lugar social ao lugar discursivo, não se vincula diretamente ao que diz, pois não há nessa primeira SD, marca de pessoalidade, evidenciando um efeito de sentido de que o dito cabe a qualquer pessoa em qualquer lugar; só notamos traços de pessoalidade, de forma clara, a partir da segunda SD. Notamos, também, pelas marcas enunciativas, que parece haver, no sujeito que enuncia, um certo desespero, inquietação diante da efemeridade do tempo e da vida, sobremaneira em vista das condições de produção dos enunciados, notadamente quando se faz uma inversão no primeiro verso, ao dizer: “De nada da vida se leva” podendo ser “Da vida não se leva nada”. É como se aí uma “verdade universal” se manifestasse não a caminho com o sujeito, mas no caminho do sujeito, confrontando-o (mesmo sem a marca de pessoa), o que o obriga a assumi-la como irrecusável, pois se mostra incontornável.

A inversão permite pensar, ainda, que não colocar o sujeito discursivo de forma direta na cena enunciativa, ou seja, jogar com a falta do sujeito e com a mudança na ordem do enunciado, já é vestígio do sentimento de fatalidade, que as ocorrências na vida são certas e predeterminadas e acontecem de modo que não escapamos a elas. O tropeço, o desequilíbrio que reflete no linguístico, no modo de formulação, ao não marcar um sujeito específico, individual, leva a pensar que seja todos nós (na velhice ou não), que não escapamos às intempéries da vida. Há tensão nos sentidos, na medida em que a formulação inicia com “De nada” em vez de iniciar com “Da vida”, mexendo com os sentidos, causando uma desestabilização do sujeito-interlocutor (o leitor), e do sentido, uma vez que a palavra “nada”, que deveria ser a centralidade da significação do enunciado, é deslocada acompanhada do “De”, sendo este um elemento que sugere múltiplos sujeitos e sentidos. Vejamos, a seguir, a segunda SD:

SD2

Meus livros serão comidas de traças,
desprezados junto a outros restos.

Por meio desta SD, percebemos que o sujeito poético enuncia de uma posição-sujeito que marca uma relação amistosa com o conhecimento (letrado) valorizado socialmente, como vemos na expressão “meus livros”. Apesar de se inscrever numa formação discursiva fatalista negativista como se vê nos versos, há no imaginário o apego aos livros, notabilizado pela marcação linguística “meus”, pronome que marca uma relação de posse do objeto pelo sujeito enunciador, ao mesmo tempo declinando para a destruição, para o fim, como notamos em boa parte do enunciado: “Meus livros serão comidas de traças”. Esse efeito de sentido é produzido, em nosso gesto de interpretação, considerando que as traças são pragas domésticas que destroem silenciosamente não somente papéis, mas também roupas e, entretanto, apenas os livros foram mencionados.

É um sujeito ideologicamente atravessado por discursos de desolação, de destruição, de fatalismo (com um pessimismo que cultiva o conformismo, a resignação, ou mesmo apenas uma aparente resignação, em relação ao sofrimento), como notamos em “esfarelamentos”, em “comidas de traças”. Há no dito uma projeção de futuro expresso na forma verbal “serão”, com acentuada força de sentido para o não-dito, apagando, por exemplo, outros itens comidos por traças, pois não são nomeados, não são detalhados, conforme vemos na expressão “desprezados junto a outros restos”, lamentando o desprestígio dado a “meus livros”, equiparados injustamente (para o sujeito enunciador) a outros restos, menos valiosos a ponto de não merecerem ser identificados (nomeados com especificidade), podendo estes restos generalizarem objetos ou pessoas, uma vez que muitas pessoas morriam por causa da covid-19, outras perdiam o emprego, o salário, o acesso a coisas etc., por conta da necessidade de isolamento social.

Levando-se em conta a não-transparência da linguagem, o dizer fatalista pessimista, aboletado nos versos (e no poema geral) em questão, parece-nos, outrossim, atravessado por uma resistência que se dá, no entanto, por meio da revolta encapsulada num efeito de resignação. Este é também um modo possível de o sujeito, inserido num mundo capitalista, lidar com o infortúnio que dele toma tudo que é precioso, restando-lhe desidrar (enfrentar) a força da violência latente pelo impulso incontrolável de assumir o que se impõe, mesmo ansiando que fossem outros sentidos os de sua percepção, sustentada, porém, em desalentos. Ora, interpelado o sujeito a posicionar-se, põe-se em movimento, no aqui e agora da enunciação, a memória discursiva, os pré-construídos, segundo a direção da FD

em funcionamento, que lhe determina o dizer. Assim, sendo o corpo morto, torna-se resto, o que sobra. Vejamos a próxima SD:

SD3

O corpo dado à fome de bactérias
 não guardará desejos
 nem haverá memória.

Na SD em foco, o sujeito discursivo, origem da forma-sujeito-histórica, constituído a partir da formação social (espaço empírico) e lugar social, posiciona-se, neste ponto, para falar do corpo. O corpo aqui, pensado pelo sujeito discursivo como matéria, é da ordem da insignificância, o corpo sem vida, sem espírito, não se presta mais a nenhuma funcionalidade mundana, é, portanto, inútil e descartável, porque é material, e coisas materiais não perduram. O funcionamento da memória discursiva permite-nos pensar o fim do corpo, nessa condição de matéria, ainda que numa projeção futura, como percebemos a partir dos sintagmas verbais das sentenças “não guardará desejos, nem haverá memória”. Tais enunciados reverberam o efeito de sentido de que este corpo/matéria estará reduzido à destruição, à dilaceração, ao pó, ao fim, ao nada, pois a isso predestinado. A memória discursiva em funcionamento permite-nos, por meio do interdiscurso (e aqui em especial o discurso científico), pensar que, após a morte (por covid-19 ou não), o corpo/matéria será destruído por bactérias; assim, este corpo morto estará livre de “desejos” e de “memória” aspectos que se opõem ao corpo vivo.

Outro aspecto que cabe observar, com base na SD3, é a constituição do discurso ainda a partir do interdiscursivo que vai se formando pelo conjunto de dizeres do sujeito que enuncia, sobre o corpo a partir da FD fatalista negativista, sendo composto pelo paralelismo semântico “não guardará desejos nem haverá memória”. O “não” e o “nem” empregados no discurso remetem, simultaneamente, à identificação e à desidentificação do sujeito discursivo na contradição à negação do corpo, das coisas e dos restos, posto que, do ponto de vista do sujeito enunciativo, os desejos (o que move a vida) e a memória (as lembranças, recordações) deixam de existir. Há um batimento entre vida e morte, entre coisas materiais e coisas imateriais, entre corpo e memória, que cria um contraste discursivo, buscando questionar as evidências impingidas pelas demandas capitalistas, colocando em suspeição aquilo que é da ordem da existência material, da posse, da usura, por um sujeito atravessado sobremaneira pelos acontecimentos da pandemia e suas consequências (im)previsíveis. A seguir, analisamos mais uma SD:

SD4

Se eu em outra vida fui Cleópatra, indigente,
de que me serve
se não me lembro?

A partir dessa SD, notamos, em nosso gesto de interpretação, que o sujeito, no entremeio dos lugares social e discursivo, ainda numa posição sujeito negativista, fala do plano da transcendência, permitindo pensar/acreditar que há/houve outra vida, em outro momento, em outro plano. Este posicionamento do sujeito remete-nos a uma FD religiosa, mas de outra formação ideológica (FI), ou seja, FI espírita, uma vez que nessa religião acredita-se em reencarnação, visto que, ao morrer, o corpo, o espírito que o habitava encarna e renasce em outra pessoa, em outro corpo, habitando este mundo novamente ou ascende à salvação. Isso evidencia a fragmentação do sujeito, dividido entre posições-sujeito constitutivas dos saberes mobilizados em seu discurso atravessado por outros discursos, estabelecendo a heterogeneidade discursiva.

Neste sentido, pensamos a partir de dois pontos antagônicos no nível da interpretação. Ou seja, (i) ser Cleópatra, sendo ela a rainha do Egito de 51 a.C. a 30 a.C., uma das mulheres mais importantes do seu tempo, dotada de grande habilidade política e que governava de forma autônoma, rainha que se envolveu com os dois homens mais importantes do Império Romano: Júlio César e Marco Antônio; ou (ii) ser "indigente", aquele que não tem condições de suprir suas necessidades, despossuído de qualquer poder, de qualquer valor, pessoa que vive na miséria, na indigência. Neste ponto, o sujeito discursivo se questiona: "de que me serve se não me lembro?". Para o sujeito discursivo, nada interessa na situação em que se encontra, se foi Cleópatra, se foi indigente, já que a lembrança, no sentido de recordar (conscientemente), de trazer o passado à memória em sua vida presente, e por vontade própria, não é uma possibilidade nessa perspectiva. Nela, as vidas passadas são inicialmente apenas hipóteses, no sentido de se saber quem foi quem em outra encarnação. É um saber que somente é uma busca dedicada, por meio de técnicas de hipnose, de serviço dos médiuns, ou de outras especulações, permitiria "revelar-se", baseado em determinados indícios e mesmo em muita fé.

Vemos, pelos versos, que o sujeito poético, lamentando-se, questiona escarnações passadas, tenham ou não tenham sido promissoras, pois em nada podem contribuir com seu atual estado de desalento, visto que delas não tem lembrança (no sentido literário, isto é, de recordação monitorável), ressoando, por esse dizer, não-ditos ilusórios: ao dizer 'não lembro de vidas passadas', o sujeito

cindido deixa entrever nessa formulação a possibilidade de lembrar da vida presente, mesmo que de parte da vida presente nunca tenha memória (de bebê na barriga da mãe, por exemplo), sem controle da memória também de grande parte da infância, da adolescência, da fase adulta etc., bem como de traumas não tratados. A memória aí tem efeito de presentificação do passado que traz alguma vantagem, de poder aproximar o sujeito a algo distante que lhe resultaria em benefício. Traria, assim, um certo alento para o sujeito desesperançado. Em nosso gesto de leitura, reiteramos, há efeito de sentido de que, por essa estrofe, mesmo a memória de indignação, no dizer do sujeito poético, poderia lhe trazer algum conforto, vez que, se ter sido isso ou aquilo sem lembrar não lhe serve, a lembrança (à qual pudesse acionar ao bel-prazer) lhe teria alguma serventia.

Do ponto de vista discursivo, o modo como se historicizam a formulação do enunciado primeiro, sobretudo no jogo contraditório, em “Cleópatra” e em “indigente”, põe em cena sentidos que vão de encontro ao modo de constituição do sujeito, sentidos que se marcam tanto da ordem do dito quanto do não dito. Nesse sentido, ser Cleópatra e ser indigente são dois extremos da pirâmide social. Mas de que importa se, em relação à covid-19, o nível é o mesmo, tanto faz ser Cleópatra quanto ser indigente? Todos estão no mesmo nível, não importa quem. Esta condição ultrapassa o querer, a vontade, podendo ser acometido de covid, a rainha, o indigente, o jovem, o velho, a criança, o índio, o branco, o negro etc., tais condições independem de lembrar ou não lembrar.

Por outro lado, neste ponto, a memória/esquecimento é retomada como condição fundamental de existência, uma memória que só tem função diante de sua evidência, da lembrança iminente. Impera, assim, o efeito ideológico, apagando as evidências de uma memória que funciona mesmo diante do esquecimento, conforme proposto pela AD, uma vez que é da ordem do inconsciente, isto é, joga constantemente com o equívoco, com o mal-entendido, com o deslize, sendo constitutiva do sujeito, mesmo diante do seu apagamento, visto que é o efeito que recobre a própria noção de sujeito e de sua condição de existência no discurso. Tomemos, a seguir, mais uma SD:

SD5

Se nos reencontramos em outro plano,
a mim você conhece?

Esta SD faz funcionar um jogo com os sentidos da anterior (SD4), ou seja, o sujeito discursivo, pensando outro plano, mantém-se no interior de uma formação discursiva religiosa, a de que, na reencarnação, é possível as pessoas se encontrarem e viverem juntas, relacionarem-se. Neste ponto, o sujeito discursivo

se refere a um interlocutor indeterminado. Assim, indagamo-nos sobre quem seria essa criatura do outro plano?

- a) O pai?
- b) A mãe?
- c) O filho?
- d) O amigo?
- e) O marido?
- f) O amante?

Esses sujeitos que elencamos em nosso gesto de interpretação seria, para o sujeito discursivo, seu ponto de ancoragem, de satisfação. Porém, como vemos no plano da constituição do discurso, ele não tem certeza deste re/conhecimento. Assim como não se lembra do que foi um dia, se Cleópatra se indigente. Há um jogo enunciativo com o interdiscurso remetendo, então, à ordem da (im)possibilidade, isto é, aponta para um interdiscurso futuro, em que o outro a que ele se refere em seu dizer seria (in)capaz de reconhecê-lo nessas futuras condições de existências (post mortem). Por esse aspecto, o efeito de sentido que colocamos em evidência é de que nada deste mundo importa, se nem mesmo as lembranças do que a criatura fora algum dia não são rememoráveis em outra dimensão, quanto mais os bens materiais, a beleza corporal e outras veleidades que não transcenderão à morte. Vejamos, agora, a última SD de nosso trabalho de análise:

SD6

Nem nesta vida precária do presente,
Que de mim você se esquece...

Neste ponto, ancorados a partir da SD6, percebemos que o sujeito discursivo, colocando-se no plano da vida presente, “vida precária”, como se propõe a dizer, nega a presença do interlocutor, em sua vida, posição contrária ao que diz antes, ainda que seja o desejo de encontro em outro plano, conforme elencamos anteriormente a partir SD5. Neste “presente”, partindo, como dissemos, da conjuntura atual da covid-19, pensando o espaço empírico, lugar social, e considerando que o sujeito ideologicamente se constitui atravessado pelo político, posiciona-se evidenciando a falta, a ausência de alguém (para conversar, acalantar, ajudar, namorar etc.).

Assim, acionam-se sentidos por meio da memória discursiva e do interdiscurso, permitindo pensar que esse sujeito que enuncia parece estar só, podendo a solidão decorrer da covid ou não. Há um batimento entre o espiritual, o material e o sentimental. O material visto como aquilo que esfarela, desfalece, acaba, no entanto, há o desapego a estes bens; o espiritual com a incerteza de

quem é, para onde vai e quem irá encontrar e se será reconhecido por alguém; no plano sentimental, não há certeza de apego, de amor nem da parte do sujeito enunciador nem do interlocutor que projeta em seu discurso.

APONTAMENTOS FINAIS

Apresentamos até aqui, ainda que de forma breve, nosso gesto de leitura/interpretação desta materialidade significativa, o poema “Desapego” de Luíza Silva. Focamos em uma leitura não aos moldes da leitura literária contemporânea, que visa identificar estilo, contexto histórico, corrente de pensamento do autor, aspectos composicionais e aspectos do eu-lírico, tomando a memória somente como lembrança, como processo consciente, volitivo e transparente por parte do sujeito. Não que não se possa ler/interpretar desta forma, mas um de nossos propósitos, neste trabalho, foi mostrar como um poema pode ser lido/interpretado de outras formas. Assim, propomos uma leitura pelo viés da AD materialista. Desse modo, direcionamos nosso olhar inquiridor para mostrar que, por meio da materialidade poética, o poema, há um sujeito enunciando e que foi constituído ideologicamente na/pela linguagem, a partir do lugar social (espaço empírico) e das formações ideológicas (discursivo). Lugar que é constituído pela forma-sujeito-histórica, sujeito do saber de uma determinada FD, como ponderou Pêcheux (1975). É neste espaço, espaço discursivo, que o sujeito discursivo é constituído em posse da linguagem, assumindo uma posição-sujeito para dizer a partir de um lugar discursivo.

No entanto, notamos que na passagem de um lugar ao outro ficam marcas de subjetividade do sujeito, conforme aparece em nosso gesto de interpretação. Vimos que as circunstâncias em que vivemos, em uma sociedade, a certeza da morte e a efemeridade do tempo, levam o sujeito discursivo a tematizar as angústias, o desapego a bens materiais e sentimentos. Evidenciamos o movimento dos sentidos no entremeio de formações discursivas fatalista, negativista/pessimista e religiosa, na relação com discursos filosóficos e científicos, lugar em que sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo, formulando dizeres a partir da conjuntura em que estão inseridos, ou seja, das condições de produção desse discurso.

Em tempo de pandemia da covid-19, por causa do descaso do governo brasileiro, o medo de morrer e, principalmente, por estar presenciando a todo instante o caos ocasionado pela doença no mundo inteiro, condiciona o sujeito discursivo a ocupar uma posição discursiva e, a partir da memória discursiva (processo inconsciente), pensar que, naquelas circunstâncias, só o que vale é a vida, as demais “coisas” pouco importam, marcando uma posição-sujeito

constituída discursivamente não pelo apego, constitutivo de uma sociedade capitalista nas condições da que vivemos atualmente, mas sim pelo “desapego”, notabilizando que “De nada da vida se leva”, colocando em contraste formações ideológicas remetentes às noções de vida e de morte, este mundo e o outro mundo, bens materiais e bens imateriais.

Assim, podemos dizer que o sujeito discursivo se constitui no entremeio desses questionamentos sobre a efemeridade da vida e a superfluidade mundana, na inscrição de uma formação ideológica que apreende a conjuntura atual na ordem da insignificância, em que tudo é dado à destruição, à comida de traças e de bactérias, até mesmo a memória (o recordar) é assumida como da ordem do inalcançável, pelo esquecimento, pela finitude. Tal análise é mais uma possibilidade de leitura que os estudantes do Programa de Pós-Graduação - PPGLIT, oferece ao leitor, seja estudante de Letras, seja professor da educação básica ou mesmo alunos de pós-graduação.

REFERENCIAIS

ALTHUSSER, Louis. Os aparelhos ideológicos de Estado. In: ALTHUSSER, Louis. Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1970.

APINAGE, M. D. B. S.; SANTOS, J. S.; CARMO, A. N. Vou-me embora pra Pasárgada, poema de Manuel Bandeira, na perspectiva da Análise de Discurso: a memória em versos. *Leitura - UFAL*, v. 1, p. 14-25, 2023.

CARMO, A. N.; SANTOS, J. S. O enunciado “Lula livre” como acontecimento discursivo: um olhar sobre a soltura de Luiz Inácio Lula da Silva. *Linguagem em (Dis)curso (Online)*, v. 23, p. 01-13, 2023.

COSTA, Pedro Henrique Antunes da; MENDES, Kíssila Teixeira. Dialética do Fatalismo: do Fatalismo dos Indivíduos para o da Ordem. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, n. 2, v. 20, p. 682-702, 20 jun. 2020.

GRIGOLETTO, Evandra. Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições-sujeito. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 2005, Porto Alegre. Anais eletrônicos. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

INDURSKY, Freda. Formação discursiva: ela ainda merece que lutemos por ela? In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 2005, Porto Alegre. Anais eletrônicos. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

LAFETÁ, José Luiz. Modernismo: projeto estético e ideológico. 1930: A CRÍTICA E O MODERNISMO, São Paulo, v. II, ed. 2ª, p. 7-283, 20 jan. 2000.

MARTIN-BARÓ, I. (2017a). O latino indolente: Caráter ideológico do fatalismo latino-americano. In F. Lacerda Júnior (Org.), *Crítica e Libertação na Psicologia* (p. 173-203). Petrópolis: Vozes.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas-SP: Pontes, 1999.

ORLANDI, E. P. *Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos Sentidos*. Campinas: Pontes, 2001. 218 p.

ORLANDI, E. P. *Discurso e Leitura*. 9ª. ed. São Paulo: Cortez, 2012. 159 p.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas. 2015.

ORLANDI, Eni P. *Eu, Tu, Ele: Discurso Real da História*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2017. 342 p.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* / Michel Pêcheux; tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. 5ª ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, M. *Por uma análise automática do discurso*. 5ª. ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, Michel. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. 7ª edição. ed. [S. I.]: Pontes Editores, 2015. 66 p.

POSSENTI, S; OLIVEIRA, H. *Violência e perversidade discursiva*. *EntreLetras (Online)*, v. 12, p. 6-24, 2021.

SILVA, José A. R. *Do Gesto de Formulação do Gênero "Anúncio Publicitário" no Livro Didático de Português do Ensino Médio: Entre a Unidade e a Dispersão de Sentidos*. Orientador: João de Deus Leite. 2022. 168 p. *Dissertação (Mestrado)* - Universidade Federal do Tocantins, Araguaina-TO, 2020.

SILVA, Luiza Helena. *O que sobrou do tempo*. Gurupi: Editora Veloso, 2021.

Enviado em: 18 de março de 2026
Aprovado em: 17 de junho de 2026